



5 MENSAGENS LOCAIS PARA UMA AGENDA GLOBAL: OCEANO, BIODIVERSIDADE E CLIMA NA COP30

O Encontro “No caminho para a COP30: o oceano, a biodiversidade e o protagonismo dos saberes locais na agenda climática” reuniu movimentos sociais, lideranças comunitárias, gestores do nível municipal, estadual e federal, juristas e acadêmicos para pensar juntos propostas de enfrentamento à crise climática. Tomamos como horizonte os futuros imaginados e sonhados para, no contexto da COP30, visibilizar e defender nossos princípios de como chegar lá. Ou seja: quais *caminhos* desejamos e podemos trilhar, com quem e para quem/para quem caminhamos.



Deborah Gallo/GovOceano

Historicamente, a gestão costeira no Brasil possui uma abordagem militarizada, federalizada, tecnocrática e baseada, em grande parte, em mecanismos de comando e controle. Essa lógica resultou, ao longo do tempo, em mais perdas sociais do que ganhos ambientais, vulnerabilizando sobretudo as comunidades locais. De partida, o encontro demonstrou a necessidade de romper com essa lógica e apostar em uma construção alternativa, inovadora e transdisciplinar, guiada por uma perspectiva decolonial.



Deborah Gallo/GovOceano

As emergências climáticas e a intensificação de eventos extremos atestam que não há tempo para insistir em caminhos que já se mostraram ineficientes e especialmente prejudiciais para grupos vulnerabilizados. Esse desafio exige de nós não apenas objetividade, mas também espaço para sonhar e resistir. Como foi reforçado em nossas trocas, sonhar é parte fundamental da resistência, da colaboração e da construção de respostas coletivas desde os níveis local e regional até os desafios nacionais e globais. É preciso conectar saberes e práticas em uma perspectiva decolonial e contracolonial de colaboração entre comunidades, academia e tomadores de decisão. É preciso que apresentemos alternativas concretas e pautadas na justiça socioambiental e climática. Seremos criativos e atentos, conscientes e comprometidos com a construção de espaços transdisciplinares, inclusivos e colaborativos.



Nosso encontro foi organizado pelo Projeto Maretórios em parceria com o Instituto Procomum. O encontro foi potencializado por diferentes olhares e, em especial, pelas partilhas do Marajó (PA), Ilhabela (SP), Ilha Diana (SP) e Canavieiras (BA). Juntos, refletimos, elaboramos e multiplicamos as possibilidades radicais de integrar temáticas, políticas, saberes, a partir de espaços de coparticipação.

Frente aos desafios globais e à urgência climática, deixamos aqui 5 mensagens locais que devem ecoar na agenda global da COP30:



5 MENSAGENS LOCAIS QUE DEVEM ECOAR NA AGENDA GLOBAL DA COP30:



1 DECISÕES INTERNACIONAIS NÃO PODEM SER DESCOLADAS DE ACONTECIMENTOS NO NÍVEL DE TERRITÓRIOS.

Quem vive e resiste nos territórios costeiros, marinhos e amazônicos sente primeiro e mais fortemente os impactos das múltiplas crises socioambientais. Suas experiências e conhecimentos locais precisam ser reconhecidos como fundamentais na definição de prioridades, construção de estratégias e formulação de respostas globais.



2 É PRECISO CONSTRUIR ESPAÇOS DE DIÁLOGO E DE TOMADA DE DECISÃO INCLUSIVOS, PARITÁRIOS E DE RESPEITO MÚTUO.

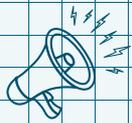
Nada pode ser decidido sobre os territórios sem o consentimento e protagonismo das comunidades. A construção de políticas deve ser feita em espaços que acolham a diversidade de saberes, culturas e visões de futuro.



3 A CIÊNCIA TRANSDISCIPLINAR NA ÁREA SOCIOAMBIENTAL DEVE SER FEITA COM E PARA AS COMUNIDADES, E NÃO SOBRE ELAS.

Precisamos superar práticas extrativas de pesquisa. É urgente aprofundar, valorizar e proteger o diálogo entre conhecimentos tradicionais e outros conhecimentos que operam na arena de decisões socioambientais, de modo a impulsionar pesquisas comprometidas com os territórios. Para tanto, é necessário que as comunidades situadas nos territórios onde a ciência atua tenham efetiva participação desde a definição da agenda de pesquisa até as decisões de como utilizar seus resultados.





5 MENSAGENS LOCAIS QUE DEVEM ECOAR NA AGENDA GLOBAL DA COP30:

4 O NEXO CLIMA-BIODIVERSIDADE-OCEANO É COMPLEXO E EXIGE MÚLTIPLAS VOZES E MÚLTIPLAS SOLUÇÕES.

As mudanças climáticas, a perda de biodiversidade e as transformações nos ecossistemas marinhos estão interligadas por dinâmicas ecológicas, sociais e econômicas que ultrapassam fronteiras geográficas e institucionais. No entanto, as decisões sobre como enfrentar essas crises ainda são, em grande medida, centralizadas e distantes das realidades vividas pelas populações mais vulneráveis, que são justamente as mais afetadas pelos seus efeitos.

Reduzir essa distância entre quem decide e quem sofre as consequências é um passo essencial para a construção de políticas públicas mais justas, eficazes e legitimadas socialmente. Isso implica reconhecer que os impactos ambientais não são distribuídos de forma equitativa – comunidades costeiras, povos indígenas, populações tradicionais e mulheres frequentemente enfrentam os maiores riscos com menos acesso a recursos para adaptação.

Além disso, é preciso confrontar as assimetrias de poder que estruturam as respostas institucionais à crise climática. Muitas vezes, essas respostas ignoram saberes locais e tradicionais, reforçam desigualdades históricas e privilegiam interesses econômicos em detrimento da justiça ambiental. Promover uma abordagem verdadeiramente inclusiva requer criar espaços de participação efetiva, onde diferentes formas de conhecimento e experiência possam influenciar decisões e moldar soluções.

Deborah Gallo GovOceano



Deborah Gallo GovOceano



5 A CONSTRUÇÃO DE PONTES É UMA TAREFA COLETIVA.

ONGs, governos, comunidades, cientistas e movimentos sociais precisam atuar de forma complementar. O governo, em especial, deve abrir mais espaços de escuta, negociação e tomada de decisão e menos processos técnico-burocráticos que afastam as vozes dos territórios.

Somente por meio de processos participativos, interdisciplinares e sensíveis às desigualdades estruturais será possível avançar na construção de respostas integradas e transformadoras frente aos desafios que o nexos clima-biodiversidade-oceano nos impõe.

Se falharmos, a COP do Clima corre o risco de se tornar apenas mais uma "COPA" - um espetáculo desconectado dos territórios, das pessoas e dos desafios reais que enfrentamos. A hora é de construir uma agenda oceano, biodiversidade e clima que tenha as pessoas e os territórios no centro, com justiça, inclusão e coragem de sonhar novos futuros.

